O ODISSEU

Edição 011
Junho de 2023

As línguas brasileiras



"A norma pode ser guia, não amarra, mordaça, algema"

Lili Baillargé escreve sobre a necessidade de superar a norma com exemplos da literatura de Jarid Arraes, Aline Bei e Andrea Abreu

"Salvar o Fogo"

Ewerton Ulysses Cardoso escreve sobre o novo romance de Itamar Veira Jr

"A literatura é nóiz"

A Revista O Odisseu convida Amanda Soares para escrever sobre o RAP enquanto manifestação literária das periferias

"Latim em Pó"

Daniel Orsini é o convidado da Revista O Odisseu para escrever sobre o mais novo suceso de Caetano Galindo

“O CANGACEIRO”, DE PORTINARI



REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA DO PROJETO PORTINARI. DISPONÍVEL EM:
https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1975/cangaceiro



"Descoberta do Outo", de Candido Portinari
Disponível na Enciclopédia Itaú Cultural

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

"CARTA DE AMOR"

Ewerton Ulysses Cardoso
Editor e Criador da Revista O Odisseu

"Eu tenho Zumbi, Besouro
O chefe dos tupis, sou tupinambá
Tenho os erês, caboclo boiadeiro, mãos de cura
Morubixabas, cocares, arco-íris
Zarabatanas, curares, flechas e altares..."

O trecho acima é da canção "Carta de Amor", de Maria Bethânia. Trata-se de uma das raras vezes em que a Abelha Rainha põe em um disco seu uma música que é de sua autoria. Geralmente, Bethânia assume que é intérprete, não compositora. Pura modéstia! Se tivesse composto apenas "Carta de Amor", seria uma das melhores compositoras do Brasil, ademais uma das melhores poetas, porque a canção é pura poesia. É rítmica, intensa, feroz: uma espada que corta o ventre de quem ouve. Em minha opinião, é o poema nacional que mais representa o Brasil em toda a sua mistura, em todo o sincretismo religioso, em toda sua complexidade.

Em entrevista, Bethânia assumiu que "Carta de Amor" se trata de uma carta que escreveu a si mesma, para relembrar quem era e de todas as forças que a acompanham. Isso explica o fato de uma música tão agressiva ter o título de "Carta de Amor" (além de ser muito irônico). O refrão é já está na boca do povo, é reza popular:

"Não mexe comigo
Que eu não ando só"

Essa mesma canção poderia ser uma carta de amor da Língua Brasileira com destino à Língua Brasileira. Aqui digo "Língua Brasileira" porque me refiro ao português que falamos, que incorpora vocábulos de todo o mundo que são, ao mesmo tempo estrangeiros, nacionais e nossos. Alguns desses vocábulos estão na canção de Bethânia. Já na primeira estrofe no texto encontramos uma série de termos e palavras que podemos analisar:

Zumbi: Clara referência ao herói nacional dos escravos brasileiros que liderou pessoas escravizadas da Serra da Barriga e que governou o quilombo de Palmares. Vale ressaltar que os historiadores não têm certeza se "Zumbi" seria necessariamente o nome desse lidar ou o nome do cargo religioso que exercia. "Zumbi" seria como um "Rei" ou líder.

Besouro: Não tenho muita certeza de onde vem o "Besouro" que Bethânia cita, tampouco se existe uma ligação com o verso seguinte "O chefe dos Tupis, sou Tupinambá". Numa interpretação rápida é possível associar o personagem ao lendário Manuel Henrique Pereira, de codinome "Besouro" e que é da cidade de Maria Bethânia, Santo Amaro da Purificação, no coração do Recôncavo Baiano. Besouro é uma lenda da Capoeira e nome importante para o desenvolvimento da Umbanda e Candomblé no Brasil.

Erê: Os Erês são crianças espirituais ou espírito de crianças dentro do candomblé e demais religiões afro. Aqui no Brasil é comum fazer oferendas para os erês no sincretismo com o São Cosme e Damião. Mateus Aleluia canta: "Alegria de erê é ver gente sambar".

Caboclo Boiadeiro: Encantado, entidade do candomblé no Brasil.

Morubixaba: O mesmo que cacique, líder indígena.

Zarabatana: Instrumento que os indígenas usam para soprar setas e pequenas pedras. Uma espécie de tubo.

Quis trazer esses, dentre os inúmeros termos presentes na canção de Bethânia para mostrar o encontro dos termos indígenas e iorubás que estão presentes na nossa língua e que são altamente utilizados. Caso você não os conheça, é porque talvez você viva nos grandes centros urbanos brasileiros em que a língua se relaciona mais com o português que recebemos de Portugal.

Mas mesmo esses conseguem se relacionar muito com as outras línguas que nos constroem. O português brasileiro incorporou uma série de termos que vêm de outras culturas. Por isso, a origem de muitas das palavras que usamos comumente são de origem ou iorubá, ou indígena ou galega, ou francesa, ou variações que aconteceram no próprio interior do país, nos sertões distantes, no Recôncavo Baiano, nas favelas e comunidades urbanas, nas comunidades ribeirinhas nortistas.

Quando eu leio (e ultimamente tenho lido muito) sobre uma tentativa de defender o idioma português (normalmente como uma tentativa de defender a norma culta padrão definida por acordos ortográficos) eu sempre me pergunto: Qual português? Todos nós estamos muito distantes do português original e já não é possível pensar em língua portuguesa no Brasil sem considerar todas as variações regionais e sociais. O português que eu e você falamos não é o português de Portugal, é uma variação de Português Brasileiro.

Isso porque nós falamos mingau, catapora, tocaia e carioca que são todas palavras que provêm de origem indígena. Carioca, por exemplo, significa Casa do Homem branco (oka – casa; kari homem branco). Nós falamos dengo, moleque, caçula, cafuné, quitanda, fubá e outras palavras de origem iorubá. Isso para não falar do galego que influi tanto em nossa cultura e tantas outras!

A bandeira de que nós somos falantes do português como uma tentativa de normatizar a língua que usamos no cotidiano em referência ao idioma europeu não se sustenta. O que falamos é português, mas também não é. É algo muito próprio. Isso sem falar que o português sequer é a língua de todo o Brasil. Existem no Brasil diversas línguas que circulam, desde as LIBRAS, que é língua oficial no Brasil, até as línguas indígenas e o iorubá presente nos cânticos e rezas africanas.

Essas questões todas vão fluir na a literatura brasileira em seus diversos autores de diversos cantos. Nesta edição você irá ler sobre o escritor baiano Itamar Vieira Jr que escreve sobre o Brasil Profundo no seio da Bahia. Jarid Arraes é uma escritora cearense que traz a cultura dos repentistas para a literatura moderna. Mário de Andrade, que repensa o português e a formação da língua com a própria formação do povo. Adriana Calcanhotto, que versa a língua do português tradicional e europeu para as expressões populares com uma musicalidade impressionante. Os poetas do RAP, como Emicida e Mano Brown, foram capazes de manusear a palavra com tanta ênfase, de um português tão próximo da realidade da maioria dos brasileiros que são urbanos e periféricos.
Foi-se o tempo em que o Português era simplesmente a língua de Camões. É, mas também não apenas. Camões divide a língua com Machado de Assis, que divide com Jarid Arraes, que divide com Mário de Andrade, Maria Bethânia e o rapper Sabotage.

Dito isso, prepare-se para mergulhar numa aventura entre alguns dos portugueses que falamos no Brasil.

Esta edição é uma carta de amor às línguas brasileiras.



"Bumba-meu-boi", de Candido Portinari
Disponível na Enciclopédia Itaú Cultural

O Ritual da Palavra

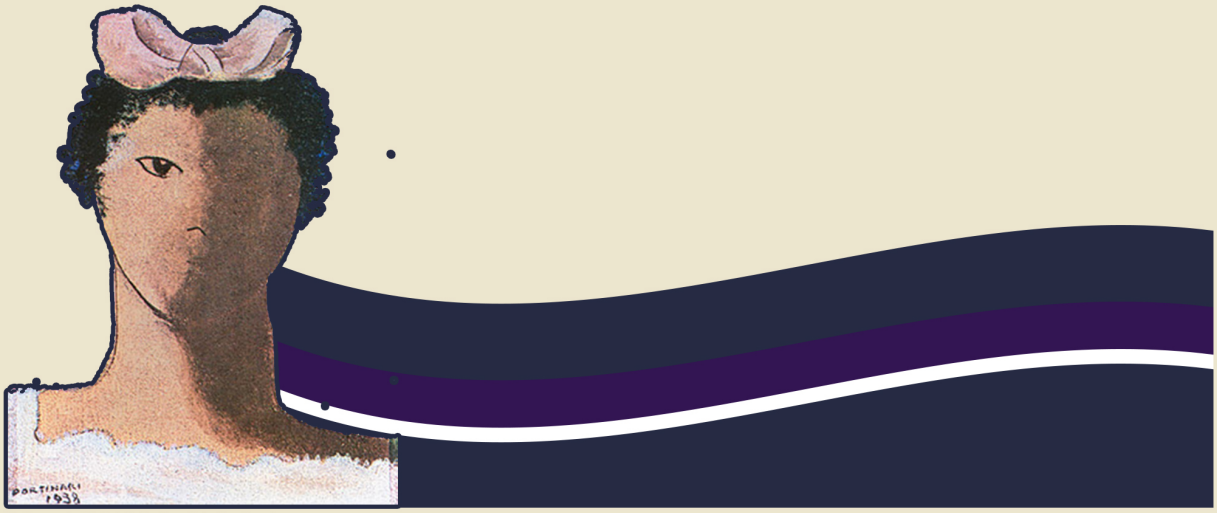
Ueliton André dos Santos

Nossas Palavras não cabem em tuas mãos
Elas comportam as almas dos meus irmãos
Linhas que atravessam a contemplação
Significados velados, selados, estados

Não faça para mim uma redoma,
Pois sou como as ondas
Aplaudes meus ditos
Em seguida os transforma em mito

Contenção, aspiração
Deixa minhas Palavras em ação
Transfigurastes nossas vozes
Não as comprima em sua oração

Nosso culto é sagrado
Palavras portam significados
Não somos meros achados
Artefatos para tua exposição



"Cabeça de Mulata", de Candido Portinari
Disponível na Enciclopédia Itaú Cultural



A Primeira Misa no Brasil, de Candido Portinari.
Disponível na Enciclopédia Itaú Digital

Linguagem Brasileira

Pedro Henrique Rodrigues
Colunista e Editor da Revista O Odisseu

Como posso dizer, meus filhos? Tenho muita História para contar. Também tenho consciência de que durante muitos anos contaram e recontaram apenas a versão de vocês-sabem-quem. Confesso que muito entristece que tantas vozes tenham sido caladas, soterradas, dizimadas e subestimadas em meu próprio ventre. Vocês cantam que são filhos dessa Pátria amada, mas só vejo marcas de ódio de inimigos crescerem de tempos em tempos. Vejam bem: vocês não são exatamente motivo de orgulho, embora coração de mãe sempre faça vista grossa para as piores atrocidades de seus filhos. Claro, não estou dizendo que são todos vocês. São aqueles que não temem fazer sangrar os próprios irmãos e, consequentemente, sua Mãe. São aqueles que, a priori, não nasceram deste ventre, mas foram acolhidos e amados como filhos. Tomaram para si a voz da História escrita, contando e recontando sua versão até que se tornasse a única versão possível, sem que as falas e versos dos outros irmãos que aqui já estavam e que um dia chegariam fossem incluídas com dignidade. São aqueles que ainda hoje mantêm um legado que muito me envergonho. Não irei simplesmente condená-los e negar minha responsabilidade sobre os fatos ruins que permeiam nossa História. Eu sou a Mãe de todos vocês: fiz vocês e vocês me fizeram. Eu sou o que vocês são. E o que somos? Não saberia descrever nem em mil livros. De qualquer forma, o que realmente espero é que nossa conversa de agora aponte para o que poderíamos finalmente ser: uma carta aberta de amor e respeito.

Nossa História, meus filhos, é contada através dos escritos literários aqui feitos e agora relidos e discutidos. Através da língua brasileira vertida em literatura. Antes dos irmãos de outras terras chegarem, em suas aventuras além-mar, centenas de línguas eram faladas pelos irmãos nativos. Confesso que tenho ínfimas memórias: grande parte se perdeu com o abraço da Morte que veio com os irmãos que aqui chegaram. Embora uma centena e meia de línguas indígenas ainda sejam faladas, não é para elas que volto minha atenção: o som do sangue vertendo ainda é mais intenso que o som de suas histórias, tradições e ensinamentos. Reafirmo que sou conivente com essas atrocidades. Sou a mãe que negligencia toda a prole em prol de um único filho e pelos motivos mais torpes. Quando eles chegaram até a mim pela primeira vez, disseram entre si:

"Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. [...] E o Ele nos para

nos para aqui trazer creio que não foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E prazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim!".

[...] Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. [...] Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé!"

Eu fiquei encantada com palavras tão belas e supostamente bem intencionadas na "Carta de Pero Vaz de Caminha", marco inicial da literatura de nossa História, embora não compreendesse, assim como meus filhos nativos, as vis intenções por trás delas: exploração de recursos naturais e catequização, reflexo da Contra-Reforma, o movimento da Igreja Católica como resposta à Reforma Protestante. Antes que ressaltem as boas intenções da evangelização, atentem a esses trechos da epopeia "De Gestis Mendi de Saa", de Padre José de Anchieta:

"[...] Outros depenam o peito e as costas de inúmeras aves
e tingindo-lhes as penas de variadíssimas cores
colam-nas ao corpo, untado todo de visgo.
Outros ornam o topete com asas de pássaros
e dependuram muitos enfeites dos penteados cabelos.
Com estes e muitos outros adereços, medonhos e feios,
cobrem os membros nus os selvagens ferozes.
[...]"

"[...] Essa raça selvagem, sem a menor lei, perpetrava
crimes horrendos contra os mandados divinos,
proferindo impunemente ameaças contínuas e altivos
discursos. Então com arrogância o índio sanhudo
olhava para os cristãos, e estes, entrincheirados
detrás de seus muros, tremiam de pavor vergonhosos:
como quando lobos vorazes, que a fome impiedosa
açula e avassala, rangendo os dentes, cobiçam,
à ronda do aprisco, espostejar os tenros cordeiros
e extinguir a sede ardente no sangue que sugam;
lá dentro as ovelhas estremecem e fremem com medo
das feras que rondam fora, mal confiadas no aprisco. [...]"

"[...] Assim se expulsou a paixão de comer carne humana,
a sede de sangue abandonou as fauces sedentas;
e a raiz primeira e causa de todos os males,
a obsessão de matar inimigos e tomar-lhes os nomes,
para glória e triunfo do vencedor, foi desterrada.
Aprendem agora a ser mansos e da mancha do crime
afastam as mãos os que há pouco no sangue inimigo
tripudiavam, esmagando nos dentes membros humanos.
Há pouco a febre do impuro lhes devora as entranhas:
imersos no lodaçal, aí rebolavam o fétido corpo,
preso à torpeza de muitas, à maneira dos porcos.
[...]"

Tais trechos expressam vontade de sangue e coração impiedoso para com o próximo diferente, reverberando os ideais da Contra-Reforma ao demonizar os costumes dos indígenas e representá-los como



"Padre Anchieta", de Candido Portinari
Disponível na Enciclopédia Cultural Itaú.

o bárbaros cruéis e inumanos em contraposição aos cristãos e supostamente civilizados europeus. O que garante que os indígenas não ficaram tão surpresos com as vestimentas e costumes dos portugueses quanto os portugueses ficaram com os dos indígenas? Por quais cargas d'água decidiram que uma cultura era superior à outra e tinha como dever reduzi-la à pó? Embora não tivéssemos uma literatura propriamente dita, para bom entendedor, o que foi escrito até então bastou para deixar claro que, infelizmente, meus filhos, esse foi o mote da nossa História.

A ironia sempre esteve presente em nossa História. O açúcar foi o primeiro produto a ser explorado que gerou grande riqueza à Metrópole a ponto de se tornar a base da economia colonial por décadas. Embora doce no sabor, o açúcar foi motivo de amargura para muitos desta terra. Após a criação das capitanias hereditárias em 1534, em que as terras coloniais eram colonizadas e exploradas por escolhidos pela Coroa e passadas de pai para filho, as capitanias de Pernambuco e São Vicente se tornaram as mais importantes e bem sucedidas na produção de cana de açúcar, que se utilizava e mão de obra escrava indígena. Com a falha do sistema de capitanias em lucrar, ocupar e proteger o território colonial, o governo-geral foi implementado. Para instalar a sede do novo governo, Tomé de Sousa, o primeiro governador geral, fundou a cidade de Salvador em 1549, que se tornou lucrativa no comércio de cana de açúcar. Nesse intento, outro assombro iria se incrustar na nossa História: a produção mais lucrativa passa a ser feita a partir de mão de obra escrava africana, cujo tráfico também era extremamente lucrativo. Tomas também trouxe consigo colonos, jesuítas, funcionários e o Regimento. Como podemos notar, grande parte do território não era colonizado, com alguns poucos núcleos urbanos e consequentemente, quase nenhuma vida cultural. Nossos textos dessa época são legados dos jesuítas, reverberando a Metrópole sem expressar genuinamente quem habitava essa terra.

No final do século XIV, a Metrópole vivenciava um período de grandes turbulências, principalmente religiosas. Em resposta à Reforma Protestante, grandes reformas foram feitas no Catolicismo com o Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, de tal forma a reafirmar a importância e autoridade da Igreja de Roma. O clima de repressão imposto pela Inquisição, que perseguia os contrários à fé católica, influenciou o Barroco, termo que supostamente advém da palavra italiana barroco e utilizada para o que era obstáculo ao raciocínio lógico e cuja literatura expressa dramaticidade e tensão através do uso excessivo de figuras de linguagem, de hipérboles, metafóricos, anacolutos e antíteses. Neste contexto, temos os textos de Padre Vieira e Gregório de Matos. O primeiro utiliza elementos brasileiros em seus textos, iniciando o estabelecimento de uma linguagem mais independente da Metrópole. O segundo, considerado o primeiro poeta genuinamente brasileiro, produziu poesia lírica, religiosa e satírica, esta última responsável por dar-lhe o apelido de Boca do Inferno. Baiano, criticou a exploração de sua terra pela Metrópole no soneto À cidade da Bahia:

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.
A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando e tem trocado
Tanto negócio e tanto negociante.
Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhada
Simples aceitas do sagaz Brichote.
Oh se quisera Deus que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!

Também criticou a imoralidade da sociedade de Salvador, utilizando vocabulário popular e sugerindo o estabelecimento de uma consciência crítica brasileira em Epílogos:

Que falta nesta cidade?.....Verdade
Que mais por sua desonra?.....Honra
Falta mais que se lhe ponha.....Vergonha.
O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
numa cidade, onde falta
Verdade, Honra, Vergonha.
Quem a pôs neste socrócio?.....Negócio
Quem causa tal perdição?.....Ambição
E o maior desta loucura?.....Usura.
Notável desventura
de um povo néscio, e sandeu,
que não sabe, que o perdeu
Negócio, Ambição, Usura.

[...]
Que vai pela clerezia?.....Simonia
E pelos membros da Igreja?.....Inveja
Cuidei, que mais se lhe punha?.....Unha.
Sazonada caramunha!
enfim que na Santa Sé
o que se pratica, é
Simonia, Inveja, Unha.
E nos frades há manqueiras?.....Freiras
Em que ocupam os serões?.....Sermões
Não se ocupam em disputas?.....Putas.
[...]

Podemos notar que a sociedade que se formava, com tanto sofrimento e exploração, não seria diferente da sociedade que temos hoje, embora mal pudesse indicar o quanto pioraria. Não temos textos feitos por indígenas, por negros africanos, por aqui nascidos que não tivessem em posição social abastada: o letramento era privilégio de muitos poucos. Sendo assim, suas histórias foram silenciadas por todo o sempre. Melancolicamente, elas ainda podem ser contadas, pois se repetiram em tantos milhões que vieram a seguir.

Como muitas histórias, retomamos algum ponto do passado e costuramos no tempo da narrativa em andamento para prosseguirmos. No início do século XVI, os primeiros exploradores da Metrópole visavam encontrar ouro e outros metais preciosos, se embrenhando pelo território ao longo do litoral e do interior, falhando em seus intentos. Com o advento do fim da prosperidade do Ciclo da Cana-de-Açúcar devido ao sucesso dos engenhos perpetrados na América Central, a Metrópole voltou a incentivar com restaurado ardor e finalmente encontrando com as chamadas bandeiras, no final do século XVII, quase dois séculos depois da chegada dos primeiros portugueses, os desejados metais preciosos no que hoje é conhecida como Minas Gerais. A corrida ao ouro iniciava. Já no século XVIII, o ouro foi encontrado em Mato Grosso, seguido por Goiás. A possibilidade de enriquecer com o ouro fez com que a população da colônia aumentasse cerca de dez vezes do final do século XVII até o final do século XIII. Com isso, ocorre o estabelecimento do português como língua nacional no lugar da então língua geral, desenvolvida a partir do tupi antigo.

Em Minas Gerais, as Vilas de São João Del Rei, do Ribeirão do Carmo, atual Mariana, Vila Real de Sabará, de Pitangui e Vila Rica de Ouro Preto, atual Ouro Preto, entre outras, foram fundadas para a extração e exploração do ouro. O aumento populacional, o estabelecimento da língua portuguesa e a prosperidade estabeleceu uma classe média formada por comerciantes, artesãos, militares, artistas e intelectuais que promoveram o desenvolvimento cultural do Brasil. Famílias ricas enviavam seus filhos para o continente europeu para estudarem. Na época, estavam em voga o Iluminismo e a estética árcade, de grande importância para a então Vila Rica, atual Ouro Preto.

O Iluminismo foi um movimento intelectual e filosófico dominante na Europa do século XVIII, também conhecido como Século das Luzes. O movimento iluminista defendia ideias pautadas na razão para o progresso da humanidade. Está intimamente associado à Revolução Científica, ocorrida anteriormente, e que estabeleceu o método experimental para constatar os fatos. Segundo os filósofos do movimento, eles buscavam iluminar a mente humana, o que explica o nome do movimento. Promovia a rejeição de tudo que não pudesse ser explicado pela razão, confrontando o controle da Igreja sobre a sociedade, o absolutismo, o mercantilismo, os privilégios sociais e defendendo a propagação do conhecimento humano. Tal movimento influenciou a Revolução Americana (1776), a Revolução Francesa (1789), a Revolução Haitiana (1791-1804) e uma série de revoltas no Brasil colonial, como a Inconfidência Mineira (1789-1792). O fim do absolutismo e surgimento de uma nova forma de governo com participação popular transformava os então súditos do rei em indivíduos e cidadãos. Sendo o motor das revoluções burguesas, o iluminismo propiciou o que seria uma nova sociedade europeia. A burguesia criou as Arcádias, sociedades literárias que produziam literatura nessa nova ordem social.

Em oposição à tensão do Barroco, o Arcadismo, também conhecido como Neoclassicismo, focava na simplicidade e no bucolismo, recapitulando temas greco-latinos, incluindo com os poetas árcades usando pseudônimos como nomes de pastores romanos e gregos. Os temas podem ser expressos em expressões latinas como Fugere urbem (“fuga da cidade”), Locus amoenus (“local ameno”), Aurea mediocritas (“o meio-termo é de ouro”) e Inutilia truncat (“eliminar o supérfluo”). O marco inicial do arcadismo brasileirol foi a publicação de “Obras Poéticas”, de Cláudio Manuel da Costa, em 1768. Obra lírica importante do arcadismo brasileiro, "Marília de Dirceu", de Tomás

Parte I, Lira I
"Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do Sol em vão se atreve:
Papoula, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são cor de neve.
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo bálsamos vapora.
Ah! Não, não fez o Céu, gentil Pastora,
Para glória de Amor igual tesouro.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!"

A poesia épica do Arcadismo brasileiro se distanciou ainda mais dos moldes europeus em comparação à poesia lírica ao utilizar elementos históricos coloniais juntamente com descrição das paisagens nacionais e da presença do indígena como herói, embora ainda coadjuvante em relação ao homem branco. O Uraguai, de Basílio da Gama, Caramuru, de Santa Rita Durão, e o poema Vila Rica, de Cláudio Manuel da Costa são as obras mais importantes da poesia épica árcade brasileira. A simplicidade da poesia árcade atraiu leitores de tal maneira que passaram a consumir literatura também feita aqui. Pela primeira vez, a arte e a intelectualidade da colônia passaram a competir com as da Metrópole. Eram sinais iniciais da independência artística que iria ser definitivamente conquistada no Romantismo. Da mesma maneira, a insatisfação da colônia com a cobrança excessiva de impostos pela Coroa juntamente com o esgotamento das minas de ouro, além da influência dos ideais iluministas, irão semear o que seria a Independência do Brasil em 1822. Ainda assim, nossa História é escrita por homens letrados, brancos e ricos. Mulheres, negros, indígenas e pobres continuam silenciados.

No dia 22 de janeiro de 1808, a corte portuguesa chega a Salvador fugindo das ameaças das forças espanholas e napoleônicas. Em 08 de março do mesmo ano, a corte chega ao Rio de Janeiro, começando um novo capítulo em nossa História: abertura dos portos às nações amigas, criação da Imprensa Régia, autorização para o funcionamento de tipografias e a publicação de jornais, vinda da Missão Artística Francesa, fundação da Academia de Belas Artes, criação da Biblioteca Real, do Jardim Botânico e do Museu Real. Eram passos rumo à Independência do Brasil, que ocorreria no dia 07 de Setembro de 1822. Na contramão dos ideias iluministas, os desdobramentos da Independência preservaram o status quo da da elite brasileira, mantendo a escravidão, os latifundios, produção de gêneros primários focada para o mercado exterior e o governo monárquico. Os primeiros anos foram conflituosos: dificuldades no reinado de Pedro I, sua abdicação, o período regencial e a Declaração de Maioridade. É neste contexto que o Romantismo irá surgir no Brasil, ainda encabeçados por homens da elite brasileira. Num primeiro momento, o nacionalismo impera sobre a poesia, num esforço de expressar os sentimentos do que era ser brasileiro, colocando o indígena como herói nacional, o que dá nome à essa fase romântica de nacionalista ou indianista. O poema Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, retrata com louvor essa fase:

[...]
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
[...]

Tal sentimento não foi compartilhado pela Segunda Geração, a chamada geração Ultrarromântica. Tais poetas, jovens da burguesia, buscavam fugir dos problemas sociais através do escapismo para seus mundos interiores, exacerbando o apego ao que era mundano: vícios, pessimismo e morte, como exemplificado no poema Se eu morresse amanhã, de Álvares de Azevedo:

[...]
Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!
[...]

"[...] nossa História é escrita por homens letrados, brancos e ricos. Mulheres, negros, indígenas e pobres continuam silenciados [...]"
Pedro Henrique Rodrigues

O acontecimento da Guerra do Paraguai e seu impacto na instituição da escravidão, seguido pelo Movimento Abolicionista, influenciaram a última geração romântica, conhecida como condoreira, nome oriundo do condor, que simboliza a liberdade. Castro Alves, o poeta dos escravos, expõe as agruras e a desumanidade colossal do tráfico de escravos africanos:

[...] Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo, Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar... [...]

Já era hora de sair da idealização. A obra de Sousândrade, defensor da abolição da escravatura e da república, é precursora das vanguardas históricas, sendo literatura engajada e com abordagem de problemas sociais.

A prosa romântica brasileira se beneficia da chegada da imprensa no país e consequente publicação de jornais e livros, sendo o folhetim um marco. Inspirado nos modelos europeus, transforma-se com os romances regionalistas, históricos e indianistas de José de Alencar, chamado de patriarca da literatura brasileira, que tornam-se grandes sucessos entre os membros da burguesia, uma vez que retratam seus luxos e costumes, ocultando o que era conveniente. Sua obra constrói um retrato abrangente do cenário brasileiro, abrindo caminhos para o Realismo no Brasil. No Romantismo, podemos finalmente constatar a existência de uma literatura brasileira.

Na segunda metade do século XIX, o café tornou-se o principal produto de exportação do país, no que ficou conhecido como o Ciclo do Café, sucedendo o Ciclo do Ouro. Foi inicialmente cultivado no Vale do Paraíba, entre os estados de Rio de Janeiro e São Paulo, utilizando mão-de-obra escrava, até que o oeste paulista e sua terra roxa - a melhor terra para o cultivo de café- se tornou o maior produtor. Com a proibição do tráfico de escravos em 1850 e o impulso no Movimento Abolicionista após a Guerra do Paraguai, o trabalho passou a ser realizado também com mão de obra livre, principalmente a formada por imigrantes europeus. O Ciclo do Café impôs o estado de São Paulo como liderança política e econômica do país, propiciando aumento de sua população, industrialização, urbanização e desenvolvimento. No cenário político, a crise da Monarquia se arrasta para o golpe de Estado político-militar conhecido como Proclamação da República Brasileira, em 15 de novembro de 1889. A insatisfação das oligarquias agrárias faz surgir a política do café com leite, em que o poder era dividido entre os dois estados mais poderosos: São Paulo, com sua riqueza devido ao café, e Minas Gerais, grande produtor de leite. Da Europa, o cientificismo, o determinismo biológico e o positivismo embarcam no país. No final do século, ocorre o declínio das aristocracias escravocratas, dando espaço ao capitalismo industrial. Os novos ideais irão se refletir na nossa literatura.

Em 1881, inicia-se o Realismo no Brasil com a publicação de Memórias Póstumas de Brás Cubas, obra do maior escritor brasileiro de todos os tempos: Machado de Assis. Em contraposição à literatura burguesa da escola literária anterior, o Realismo critica com ironia e pessimismo a sociedade da época, expondo sua hipocrisia através da observação de seus costumes. Um novo retrato da sociedade necessitava de expressar a vida sem ressalvas. Com Memórias Póstumas, Machado não só estabelece o Realismo no país e estabelece nossa independência literária, mas também apresenta inovações para a literatura universal: distancia-se do narrador em primeira pessoa, comum do Realismo, e confronta valores pregados pelo Naturalismo, como o determinismo biológico, ao retratar um homem branco que fracassa de diversas formas quando vivo. Como diria o próprio Brás:

"Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria."



"A Fundação de São Paulo", de Candido Portinari
Disponível na Enciclopédia Itaú Cultural

De maneira radical, caracterizado pelo determinismo e pela zoomorfização, o Naturalismo brasileiro encontra maior voz na obra O Cortiço, de Aluísio de Azevedo, que retrata a miscigenação racial, miséria e crise de valores ainda presente nos dias de hoje em nossa sociedade. Finalmente, as histórias de pobres, negros e até homossexuais passam a ter protagonismo em nossa literatura. Na poesia, o Parnasianismo e sua preocupação com a objetividade e cientificismo se impõe até a chegada do Modernismo brasileiro. Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia constituem a Tríade Parnasiana. No percurso, toma contato com o Simbolismo, oposto aos ideais do realismo e do naturalismo e caracterizado pelo individualismo e misticismo, tendo como representante máximo no Brasil Cruz e Sousa, chamado de Dante Negro, com suas obras Missal e Broquéis.

Com o raiar do novo século, as questões sociais, políticas e econômicas se acentuam na sociedade brasileira. O país de passado colonial e escravocrata, politicamente dominado por oligarquias rurais mesmo tendo proclamado sua independência e economicamente visando a industrialização e vivenciando o declínio do café, necessita expressar e discutir sua realidade e papel. Guerra de Canudos (1896-1897), Revolta da Vacina (1904), Revolta da Chibata (1910), Guerra do Contestado (1912-1916) refletem lutas das classes mais baixas contra as classes dominantes. O sincretismo nas produções artísticas prepara o terreno para o Modernismo brasileiro. Na prosa, Euclides da Cunha e seu monumental Os Sertões retratam a mencionada Guerra de Canudos. Monteiro Lobato se impõe no cenário infantil com a emblemática série de livros "Sítio do Picapau Amarelo". "Triste fim de Policarpo Quaresma",de Lima Barreto, é um retrato crítico de sua era. Na poesia, o "poeta da Morte" Augusto dos Anjos se destaca. Movimentos de vanguardas européias como o cubismo, futurismo, expressionismo, dadaísmo e surrealismo que buscavam romper com tradições do passado influenciam os novos rumos da nossa literatura

Entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, no Theatro Municipal de São Paulo, é realizada a Semana de Arte Moderna, considerada historicamente o ponto de partida do Modernismo no Brasil, embora essa visão tem sido questionada, uma vez que a cultura de Pernambuco, através das obras Manuel Bandeira, por exemplo. No país, o cenário era de insatisfação, pois muitas pessoas consideravam a política, a economia e a cultura estagnadas. Parte disso estava relacionado com o modelo político vigente baseado na política do café com leite. A concentração de renda era gritante: mais de 70% da população era analfabeta, a libertação dos escravos não veio acompanhada de inserção social e direitos básicos, o papel social feminino era basicamente restrito ao ambiente familiar. De tal forma, a verve crítica literária que vem se desenvolvendo é intensificada, buscando cada vez mais romper com os valores e formas tradicionais. Liderada pelo "Grupo dos Cinco", formado por Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, a Semana foi recebida com aversão por grande parte da mídia da época, levando tempo para ter valor histórico.

A primeira fase do Modernismo é chamada fase Heróica, sendo a mais radical e opositiva. Movimento Pau-Brasil, Movimento Verde-Amarelo e o Movimento Antropofágico fazem parte dessa era. A segunda fase, conhecida como Geração de 30, é de caráter construtivo e mais amena em radicalidade e irreverência, com consolidação e consciência crítica de temas envolvendo questões sociais através de obras regionalistas. Ela se desenvolve no contexto da Revolução de 1930, em que a velha política do café com leite cai por terra e o país passa a ser comandado por Getúlio Vargas, numa era conhecida como Era Vargas, passando pelo Governo Provisório, Governo Constitucional e o Estado Novo. O baiano Jorge Amado, um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, explorou o regionalismo e a denúncia das mazelas sociais em Capitães de Areia, A morte e a morte de Quincas Berro D'água e Gabriela Cravo e Canela, para citar algumas obras. Vidas Secas, de Graciliano Ramos, expõe o drama dos retirantes nordestinos. O Quinze, obra acerca da seca de 1915 no nordeste brasileiro, é de autoria da primeira mulher a adentrar a Academia Brasileira de Letras. Na poesia temos legados vastos de Vinícius de Moraes, um dos maiores poetas e letristas de sempre, e Carlos Drummond de Andrade, o maior poeta brasileiro de todos os tempos. A título de exemplificação, embora muito aquém diante da grandiosidade e importância de suas obras, do primeiro, temos "Soneto de Fidelidade":

[...]
De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.
[...]

De Drummond, "Quadrilha":

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili,
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

Em 1945, com o fim da Era Vargas também ocorreu o que se denominou como a terceira geração modernista, também conhecida como pós-modernista ou Geração de 1945. Na prosa, a busca pela sondagem psicológica, com influência de James Joyce, reverbera na obra de Clarice Lispector, uma das maiores escritoras brasileiras de todos os tempos. É de sua autoria obras fundamentais da literatura brasileira como Perto do Coração Selvagem, Laços de Família, A Paixão segundo G.H. e A Hora da Estrela. O sertão brasileiro na prosa inovadora de João Guimarães Rosa em obras como Sagarana e Grandes Sertão Veredas o impõe como um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos.

No dia 1 de abril de 1964, é instaurada a ditadura militar brasileira, perdurando até 15 de março de 1985. A repressão foi característica crucial do período, motivando resistência cultural de grandes gênios artísticos da História brasileira. Na música, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Chico Buarque combatem a repressão de maneira crítica através da criatividade. O movimento tropicalista se pauta pelo antropofagismo, mesclando gêneros tipicamente brasileiros com o som internacional da guitarra do rock'n'roll, inovando as artes brasileiras. A geração mimeógrafo buscou a expressão e difusão cultural à margem do circuito editorial oficial. Ana Cristina César, Chacal, Jards Macalé, Paulo Leminski e Waly Salomão são artistas definitivos dessa área. Nos anos 1970, a literatura negro-brasileira finalmente afirma-se com Éle Semog e José Carlos Limeira. A década de 80 é marcada pela pluralidade em todos os sentidos. Nomes como Rubem Fonseca, Hilda Hilst, Caio Fernando Abreu, João Ubaldo Ribeiro, Nelida Pinõn marcaram a época. Em 1988, quase 200 anos após o início da edição de livros no Brasil, com a redemocratização do país e uma nova Constituição Federal, o acesso universal aos livros passou a ser uma bandeira do poder público. Esforços nas décadas seguintes para democratizar o acesso ao livro e a leitura culminam com o estabelecimento da leitura e escrita como direitos essenciais. Vozes distintas de todos os locais do país se expressam, ou deveriam, através da literatura. Nomes atuais como Itamar Vieira Junior, Julián Fuks, Eliane Potiguara, Paulo Lins, Yaguarê Yamã mantêm viva nossa literatura.

É dever de todos contarem a sua História. Toda História importa, principalmente a dos silenciados. Escrever é um direito, é um ato político. É a chance de dar voz à milhões de antepassados que foram calados sob condições desumanas, cuja desgraças ainda reverberam em milhões atualmente. Hoje, mais do que nunca, todos os meus filhos devem fala. Estive muito reflexiva sobre chamar todos vocês de irmãos, considerando tudo o que aconteceu e ainda acontece. Soa indigesto chamar de irmão, mesmo que sangue do próprio sangue, aquele que apunhala e rouba o seu bem maior, a vida, para além de sua casa, sua comida, sua família, sua dignidade. Porém, é o que todos vocês são: irmãos, sangue do próprio sangue com um ancestral em comum, perdidos em narrativas que se desconstroem com o passar dos tempos, sempre se desvirtuando de um propósito maior de irmandade. Quando vocês aprenderem que, mesmo falando línguas diferentes, a convivência e o respeito são possíveis, vocês poderão, finalmente, proferir e vivenciar a linguagem da tão almejada felicidade.

**Com amor, sua mãe e pátria amada,
Brasil.**



"A chegada da família real de Portugal à Bahia", de Candido Portinari. Disponível na Enciclopédia Itaú Cultural

A Língua de Camões e o Amarelo-Queimado

Hyann Pedro Rodrigues
Colunista

"Mas o que é um nome? O que chamarmos rosa, por outro ela ainda teria o mesmo perfume de antes." Shakespeare sabia das coisas.

Escrever sobre algo é sempre uma tarefa espinhosa, os argumentos se embaralham na cabeça, e as ideias mais claras por vezes penam diante do espaço em branco. Se isso não bastasse, escrever sobre o idioma em que se escreve, então, é labiríntico. Pois, parafraseando Walter Benjamin, a língua não é só o canal pelo qual nos expressamos, mas também o lugar do qual falamos. A língua em que escrevemos, cantamos, maldizemos, dormimos, gritamos e choramos é como a água de aquário, transparente e turva, a nossa atmosfera. Ou como na releitura/interpretação feita o Benjamin, que ao soprar nos pulmões de Adão, Deus não dá apenas o sopro vital, mas também a linguagem. Linguagem essa que vai permiti-lhe se distinguir das outras feras ao nomeá-las. Quem nomeia não só categoria, mas também domina e cerca. Pois como bem sabia Clarice Lispector, a palavra é nosso domínio sobre o mundo.

Ao pensar na tarefa de tentar escrever sobre a língua falada no Brasil pela maioria da população (chamemos ela de português) e suas inúmeras produções, me lembrei do documentário Vidas em português (2001) de Vitor Lopes. No filme somos apresentados as múltiplas histórias e perspectivas do que significa, ou pode significar, essa tal da Lusofonia. Do escritor ao Poeta, de Moçambique a Salvador, todos temos nossa visão do que é o português. Todos nós, falantes nativos da língua, vivemos nossas vidas em português e muitas vezes, como escreveu Bechara, somos poliglotas na nossa própria língua. Um idioma é esse espaço no qual transmitimos ideias e vivemos, mas também é o espaço da nossa memória e afetividade. Cientistas já demonstraram que, em pessoas que falam mais de um idioma, as nossas emoções são codificadas de maneiras diferentes, a depender em qual dos idiomas a informação foi recebida.

Pensando nisso tudo, eu me lembro da minha irmã Jessica Kandicyele, me ensinando o nome das cores, com os lápis de cor em cima da cisterna de casa. O sol forte vazia com que as cores ficassem ainda mais brilhantes, em contraste com a cor branca enfraquecida da laje de cimento que cobria a cisterna, as cores vibravam em uma intensidade que talvez só exista na minha memória. Ela me apontava cada um dos lápis e pedia que eu repetisse, para garantir que eu sabia que aqueles lápis eram: Azul, Cinza, Amarelo, Marrom, Amarelo-queimado... Ato que repetiria muitos anos depois ao dar aula de Português para imigrantes e refugiados no centro de São Paulo.

É impossível pensar sobre tudo isso sem pensar na pilha de sons, ruídos e barulhos, em que está montado o português. Nessa nossa vivência por vezes cheia de entraves e choques

culturais intralinguísticos. Afinal, o que responder ao meu colega de ensino médio em Guarulhos-SP que insistia em acreditar que sendo eu nordestino não falava "corretamente" o português. Ele, coitado, desconhecia que assim como eu, ele também tinha sotaque e o R dele era um empréstimo, dizem, advindo de idiomas dos povos originários da região. Ou que o "Você" dele era um pronome de tratamento que foi se transformando até chegar na forma que é hoje. Tudo tem história e o que hoje é a língua padrão de algum lugar, algum dia não passou de uma variação linguística e quase sempre de baixo prestígio. O Latim está aí para conta a história.

Morando há quase 10 anos em São Paulo, sinto uma dificuldade por vezes absurda em conseguir expressar o tamanho da barreira cultural que sinto no dia a dia. Já cheguei a pensar que se tivéssemos instituídos dois idiomas diferentes, um na paraíba, onde nasci, e outro em São Paulo, onde vivo, seria mais fácil nomear e reconhecer essa barreira. Algo parecido, talvez, com a relação Inglês-escocês. Ainda que não sejam dois idiomas separados, o português do cariri paraibano e o português paulistano, sinto o gosto dessa barreira quando vou me dando conta do incorporamento de palavras outras. Como chamar macaxeira de mandioca, alparcata de sandália, falar "minha mãe" ao invés de só "mãe". Algumas palavras ainda se mantêm firmes por pura teimosia, como chamar canjica de canjica e não de curau. Mas isso é assunto para outro texto.

Cursando letras e sendo uma pessoa marcada com um sotaque, em um lugar que muitos acreditam não ter sotaque, passei por muitas situações curiosas. Lembro de quando no primeiro ano da graduação fomos convidados ao auditório. Assistiríamos a uma palestra, de um professor convidado, que havia vindo da Espanha. Ele nos falaria sobre pesquisas linguística entorno do vernáculo espanhol e os caminhos que acreditava que se abririam para pesquisas do tipo no futuro.

Na palestra, o professor defendia que, assim como temos advogados, deveríamos ter também linguistas. Segundo ele, o linguista nos ajudaria a falar corretamente e a não cometer "crimes linguísticos" (como se o fato de alguém ter um advogado de consulta impedisse de cometer alguma infração). Para o palestrante, o linguista nos ajudaria a não falar coisas como "Jogador X faz filosofia com as pernas". Lembro de, da audácia dos meus 17 anos, ter perguntado a ele se ele conhecia a palavra Brocar em português, caso não, poderia procurar um linguista baiano, que ele prontamente saberia explicar e ajudar ele nessa falta gravíssima. Disse a ele que de quebra entenderiam porque o jogador X era chamado de "Brocador" no futebol baiano. Lembro de ter perguntando a ele também se por acaso ele conhecia a "Lei de Gerson" caso não, recomendei que procurasse, não um advogado, ou mesmo um linguista, mas talvez algum dos nossos colegas da filosofia, e com certeza, alguém gostasse muito de futebol. Se o futebol não produz filosofia, pelo menos serve para desbaratinar um galego.

Sou um apaixonado pela língua que não é só de Camões, mas é a de muita gente boa, como Conceição Evaristo, Carminho, Paulina Chiziane, João de Cabral de Melo Neto et Al. Acredito que existe algo como que uma conexão transatlântica, uma ponte entre povos marcados pelo mesmo processo histórico, ainda que ele se desdobre de maneiras tão distintas, nas diferentes realidades nacionais e regionais.

Se o português é uma ponte, Caetano Veloso e Adrianna Calcanhotto sabem fazer uso dela como ninguém. Em "Você Você" Caetano constrói o que para mim é uma das declarações mais sutis do que é essa nossa relação entre os lados do oceano. Numa canção que é ao mesmo tempo, do íntimo e do coletivo e pode ser entendida tanto como a relação entre dois sujeitos separados pela distância, quanto o processo de formação do idioma. Entre um Tu e um Você, o familiar e estrangeiro, vão nascendo mil possibilidades de nos desentendermos, mas também de nos reatarmos.

"Sou um apaixonado pela língua que não é só de Camões, mas é a de muita gente boa, como Conceição Evaristo, Carminho, Paulina Chiziane, João de Cabral de Melo Neto et Al."
Hyann Pedro Rodrigues

Nessa via complexa, de idas e vindas entre os lados do oceano. Nessa nossa relação turbulenta entre a metrópole e suas ex-colônias, por vezes imbricada de ironias. Porque, se para alguns, o português é a língua dos portugueses e, claro, de Camões, por outro não dá para ignorar que a influência de produções brasileiras. Como as novelas, músicas e formas de usar o idioma, em um processo que vem se fazendo desde pelo menos os anos 2000, faz com que tenhamos um "abrasileiramento" da língua.

"Não podes negar que é lindo/ Requer de nós grande arte/ Criar novo mundo louco/ É muito e inda é muito pouco/ Que aprendas a conjugar-te"

Adriana Calcanhotto por sua vez, é para mim a maior representante dessa polissemia, não só pela sua trajetória como artista, indo do funk ao fado, e de Lupicínio Rodrigues a Amy Winehouse. Calcanhotto entende como ninguém os múltiplos dilemas dessa relação, seja quando explica as imagens por trás do azul ultramarino e o Além-mar português, seja em canções como Corre o Munda, ou quando nos mostra que somos parte de uma conexão que não é só linguística e histórica, em músicas como Ogunté.

Muito além de uma relação entre uma língua imposta pelo colonizador, o que de fato foi, o português representa hoje a sétima língua mais falada no mundo, com mais de 250 milhões de falantes. Mais do que repetidores de uma liturgia que não entendemos direito, somos agentes pensantes, o Brasil coloca sua marca sendo o maior produtor no idioma, Angola, Cabo Verde e Moçambique nos brindam com literatura e poesia da mais alta qualidade. Estão aí Dina Salústio, José Craverinha e Pepetela para provar, entre muitos outros. Pensar no português como propriedade de um único sujeito é fechar os olhos para o que está diante de nos. E fazer ouvidos moucos para os nossos bardos.

Gosto de pensar nessa história da minha irmã ensinando as cores, pois acho que há nela qualquer coisa de simbólica e de banal. Como um sopro em meus ouvidos desse código que ela também aprendeu com alguém que por sua vez também aprendeu com alguém. Esse código que vamos reescrevendo em nós e no mundo, quando ouvimos rádio, lemos, falamos e nevamos um susto. E tudo isso é para dizer que nada é estático na língua, também o irmão vira professor, o filho reinventa a língua do pai, que também muda. O português é terra de "Galicismo a berrar nos desertos das Américas" como cantou Mario Andrade, mas que tem palavras como Alpargata, Cuscuzeira e Sambódromo. Há muitos modos de dizer as coisas e há certa poesia de pensar que o Mar salgado na língua de Calcanhotto, Lupicínio Rodrigues, Caetano Veloso, Paulina Chiziane, Chico Buarque de Holanda, Pepetela, Craverinha, Conceição Evaristo, Jessica Kandicyele, Trajano Vieira, pode ser: Ciano, Cobalto, escuro, petróleo, turquesa, Ultramarino, Anilado, Royal, Celeste, Safira, cor de vinho, Teal, Glauco...



A cantora Adriana Calcanhotto pelo traço de Maicon Aquino
(@aquinart)



"Baile na Roça", de Candido Portinari. Disponível na Enciclopédia Digital Itaú.

Língua Ancestral

Aline Félix
Colunista e Editora

Sou gaúcha, nasci na região metropolitana do Rio Grande do Sul, pertinho de Porto Alegre, mas ainda muito criança fui morar na região missioneira do estado. A região se denomina assim por conta dos Sete Povos das Missões, que foram reduções jesuíticas formadas no processo de colonização europeia no RS.
Fui morar na cidade de Santiago (uma curiosidade sobre a cidade é que foi onde nasceu Caio Fernando Abreu e, por conta dele e de tantos outros, a cidade é conhecida como Terra dos Poetas).

A região é uma mistura de sotaques e vocábulos, um exemplo é a cidade vizinha que se chama Jaguari, que significa "onça" em guarani, porém é uma cidade de colonização italiana.

Além do guarani e do italiano, o castelhano também é muito presente, pois a região também teve colonização espanhola e faz fronteira com a Argentina. Por misturar o castelhano e o português, não apenas no vocabulário, mas algumas vezes também na nacionalidade, os indivíduos são conhecidos como doble chapa.

Imagino que muitas pessoas que nunca vieram para o sul, ou para além de Gramado e Canela, ou ainda que conhecem o meu estado apenas pelas propagandas turísticas, pensem que aqui somos uma população com características europeias, mas o Rio Grande do Sul é uma terra plural e nossos artistas cantam isso muito bem.

A música De São Miguel a Mercedes, por exemplo, do compositor e cantor Mano Lima começa assim:

" ko yvy oguereko ijára escutei teu grito Sepé
E me virei numa cuatiara das tribos de
Mbororé."

Pois é, o entendimento não é simples, por isso cabe uma breve explicação:

O compositor está citando Sepé Tiaraju, indígena guerreiro da etnia Guarani que viveu na região dos Sete Povos.

A frase significa "Essa terra tem dono" e teria sido proferida por ele no ano de 1.756 durante um enfrentamento com os espanhóis, enfrentamento esse que vitimou não só Sepé, mas também outros 1.500

indígenas que ele liderava.

Mbororé foi um indígena missioneiro e há uma lenda que conta que ele teria sido deixado pelos jesuítas durante uma fuga por conta de combates pelo território, para cuidar das riquezas que ficaram guardadas em uma casa branca, sem janelas e sem porta. Como os jesuítas não voltaram, ele envelheceu, adoeceu e acabou morrendo, mas até hoje é visto por aquelas terras, cuidando a casa, que de tempos em tempos também é avistada, mas apesar de os viajantes marcarem o local, nunca conseguem encontrá-lo novamente.

Cuatiara é uma palavra do tupi-guarani e significa cobra colorida.

E sobre a mistura de castelhano, guarani e português, temos também Cenair Maicá, que nasceu em um distrito de Santa Rosa (curiosidade sobre Santa Rosa: onde nasceu a Xuxa, acho que eu nem precisava escrever, né?...bom, segue o baile) e viveu grande parte da sua vida em Santo Ângelo, na região missioneira. Mas foi em Misiones, na Argentina, ainda pequeno, que aprendeu com os peões Argentinos e Paraguaios os primeiros acordes do violão, instrumento que seria seu grande parceiro de vida.

Morreu aos 41 anos, mas deixou músicas lindíssimas que trazem o amor, a natureza e a cultura indígena como inspiração. Uma fração da música Kilómetro 11 (letra de Constante Aguer e música de Mário del Tránsito Cocomarola), que foi interpretada por esse músico de grande talento e estilo único que é Cenair, diz:

"Neréndape ajü jevy
de nuevo a implorar tu amor
Solo hay tristeza y dolor
al hallarme mombyry"

Tradução do Google Tradutor:

'Eu estou voltando para você
Novamente para implorar o seu amor
Só existe tristeza e dor
Para me encontrar longe'

Pedro Ortaça, outro missioneiro que canta esta terra diz o seguinte na música Herança Missioneira:

'Cada vez que canto em qualquer parte deste mundo, minha voz de touro arranca leivas de capim,
Escarvo da terra herança índia e missioneira que os meus avós um dia deixaram para mim.'

Ele tem razão.

Por ter nascido nesta terra, também sou essa mistura. Tenho bisavós indígenas, negros e italianos, mas só sei a história desses últimos, pois dos povos originários e dos escravizados não há documentos. Claro que sobraram alguns ensinamentos, crenças e causos, afinal meu bisavô era o curandeiro da cidade e meu avô paterno herdou esse dom. Muitas são as histórias de cura e adivinhações. Já meu avô materno contava histórias da vez que viu uma mula sem cabeça ou pedia para a minha avó contar quando seguraram a pata de um lobisomem dentro do galpão e no dia seguinte o compadre deles estava todo lanhado, ou seja, muito suspeito (risos... na verdade eu dou risada agora, porque quando era criança essas histórias eram motivo para dormir de luz acesa, tamanha a seriedade com que eram contadas).

Então, esses causos e canções são permeados por uma sonoridade de diversas línguas.

Outro bom exemplo são as nossas mesas, onde tem frutas com nomes que vem do tupi: araçá e ariticum; com pratos da culinária italiana: o tortei e o capeletti; e depois, sempre que possível, tirarmos a sesta (termo europeu).

Ainda sobre nossas músicas, se tiver um tempinho, coloca no teu aplicativo a música Misionera, com Luiz Carlos Borges e Mercedes Sosa e sente (do verbo sentir... já tem um monte de música mandando sentar e não é esse o caso).

É um chamamé e esse é um ritmo para ser sentido.

Ritmo que vem do guarani, das origens indígenas e que fala com nossa alma, nossa ancestralidade.

Tem um trecho da música que diz:

"Yo, por la noche negra de tus cabellos
Tu, encendiendo estrellas para alumbrar
Yo, a buscar la llave de tus secretos
Tu, ocultando el rastro de tu mirar."

Essa versão é um lindo exemplo da mistura que somos nessa terra, um compositor brasileiro, uma letra em castelhano, um ritmo guarani. Somos plurais, diversos no vocabulário e nas crenças, nas cores e costumes.

No mesmo estado diversos dialetos e expressões que só enriquecem e mantêm a transformação desta língua que é viva e ancestral.



"Jangadas do Nordeste", de Candido Portinari. Disponível na Enciclopédia Itaú Digital

"A norma pode ser guia, não amarra, mordaça, algema."

Lili Baillargé

Colunista

Quando comecei a escrever literatura, ainda adolescente, estava nas aulas de parnasianismo, talvez o mais asséptico de todos os movimentos literários, foi sob essa influência que tentava desenvolver minhas primeiras histórias, arte, apenas arte e nada mais — ou seria estética, estética e nada mais? Que arte não tem nada das tripas? — E ali, na sala de aula, era invadida por uma língua que só existia no papel e devota tola eu mesma colocava mais morte na celulose já morta. O sentimento não cabia, pois no sentir não há controle, o entendimento que deixasse para lá, a prioridade era a rima, a métrica, o ritmo, que literatura é essa que intencionalmente não quer conversar?

Não durou muito, logo fui para a fantasia e romances adolescentes, minha alma instável encontrava ali alguma coisa, mas não a ambiguidade que eu era, isso demorou muito a chegar até mim, a língua eu entendia, mas demorou ainda mais que chegasse uma língua que saia da boca de quem eu conhecia. Parecia que todos os livros eram sagrados, formados seguindo mandamentos celestiais, demorou até achar a heresia que me divertia.

Veio primeiro com pequenos delitos, uma maiúscula onde não deveria, uma minúscula onde não deveria, um ponto engolido, um alinhamento padrão ignorado, um jogo de diminuir e crescer palavras, essa era Aline Bei, depois veio com crimes hediondos de uma estreante canária, dois anos mais velha que eu, com sua beemedablio metálica cantando pneu manchando esse substrato santo que era o papel onde antes das palavras habitarem deveriam ser enquadradas nos mandamentos, essa era Andrea Abreu e seu "Pança de Burro".

Era a primeira vez que eu via a oralidade, a língua que existe de fato, ser gravada de modo tão pleno naquela terra santa. Ela já havia aparecido, é claro, esporadicamente, em outros romances, incluso clássicos como "O Morro dos Ventos Uivantes", principalmente dentro dos diálogos, era um desvio aceito, fora dos diálogos, jamais até aqui dentro desse livro que profanava não só a língua aplicada na literatura, mas as normas do que é um tema e uma abordagem aceitáveis em um livro para um grupo de personagens. Esse crime

Em um papo interessantíssimo da Andrea com a tradutora Livia Deorsola ela discorre sobre o caráter político do uso da oralidade na literatura, e de como há um processo na história para fazer com que se sinta vergonha da nossa forma de expressão de língua quando ela difere daquela eleita como padrão, para fazer sentir que certas formas de linguagem são menos válidas para aparecer em contextos culturais específicos como a literatura. No seu caso específico ela diz que o objetivo ao escrever é: "colocar o dialeto canário, ou pelo menos a minha variação específica do dialeto canário, num lugar de respeito por parte da comunidade literária e não apenas dela, mas do mundo em geral.". E penso que isso é o que devo como escritora fazer.

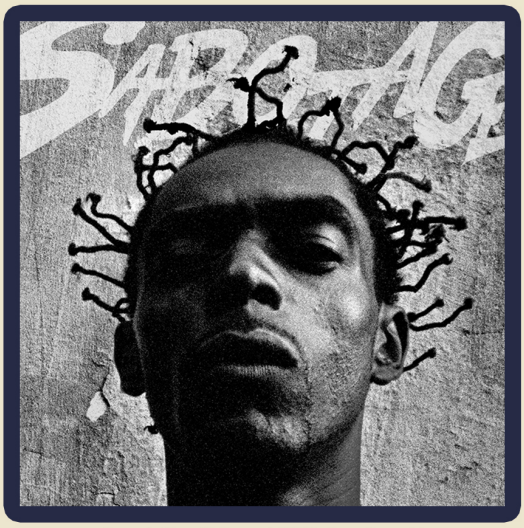
Eles nos dizem: "Você está falando errado". Hoje então quando escolher transferir esse 'falar errado' para o papel e extrapolo esse falar para fora dos diálogos, é uma outra transgressão mais dura, uma profunda ferida no espaço sobre o qual há um grande esforço para tornar inacessível, seja através dos preços dos livros, dos temas abordados, da forma como são abordados, dos cenários que esses personagens habitam e própria da linguagem. 'Falar errado' no papel é eternizar a língua viva. Jarid Arraes eterniza o "cearense", zênite astra, o pajubá, Andrea o seu canário e a língua respira aliviada que em alguns momentos, ao menos, possa ser libertada do tédio de ser quase sempre uma única.



A escritora cearense Jarid Arraes pelos traços de Maicon Aquino (@aquinart)

"'Falar Errado', no papel, é eternizar a língua viva"

Lili Baillargé



Capa do Disco "Sabotage" (2016 - Bang Records)

A Literatura é nóiz

Amanda Soares (@arteamare)
Autora Convidada

Durante o tempo que eu pensava quais seriam as melhores palavras para começar esse texto, um texto inteiro é construído no tempo de um fôlego entre uma palavra e outra, o material utilizado não é um papel, caneta ou teclas de um computador, e sim, a mente, a memória e a voz. Com tais ferramentas é possível assistir uma batalha espetacular, os dominadores da língua expõem seus escritos ao alcance de seus leitores, a palavra é consumida enquanto ela acontece e para que isso ocorra com o nível de coesão, coerência, intertextualidade, expressividade e originalidade no tempo de um diálogo é necessário ser maestro da palavra, esses são os Rappers, maestros.

Peço licença aos leitores desse texto para contar como o Rap chega até mim e direciona-me ao meu caminho como escritora, leitora, professora-pesquisadora, mas principalmente como uma mulher que reivindica sua própria história. Eu não nasci em um contexto que dava para acompanhar batalhas de Rap ou ir a shows, sou uma mulher com deficiência e a cultura que foi disposta a mim ficava restrita aos muros da minha casa, experienciei e experiencio bem pouco da rua e dos meios por causa desse marcador.

Um dos meus maiores fascínios na infância era correr, a primeira vez que eu corri sem me mexer foi escutando Oitavo Anjo, do 506 E, no rádio do meu pai, eu tinha 6 anos e muito do contexto social que eu vivi e vivo necessitava de resistência para me manter viva dentro da sociedade, que, digamos, me deseja corpo e isso não é possível. Lembro até hoje como ecoava na minha mente "Acharam que eu estava derrotado, quem achou estava errado [...] Sou quem sou, assim sigo em frente".

Apesar dessa característica marcante da resistência ao sistema, característica essa proveniente da história que o Rap nacional carrega, já que o mesmo funciona também como um registro da vivência de um povo que foi não só apagado, mas negligenciado e violentado pela sociedade, que assume assim uma das primeiras manifestações do que viria a ser lugar de fala e denuncia de uma sociedade violenta em diversas camadas, resumi-lo a somente essa resposta imediata a dor e revolta é ignorar sua complexidade enquanto arte.

O fato de ser um registro de reivindicações, batalhas, resistência vindo de um povo já seria motivo suficiente para ser considerado literatura. Mas é quando ampliamos o olhar e escutamos de fato o que está sendo dito nas batalhas e nos discos e vemos aspectos de intertextualidade e que esse movimento tem métrica, e que se posto no papel das letras de um disco, vira um poema e é estruturado como tal, se reconhece ainda mais sua ligação direta com a literatura.

O Emicida é um grande exemplo de como o Rap nacional é um caminho para ter contato com outras literaturas, artes, análises de mundo e referências múltiplas. O seu álbum AmarElo (2019) é um vai e vem delicioso de passado, presente e futuro, ele constrói um caminho estético onde é possível encontrar o momento do enlace entre referência e obra final, com esse album da pra descobrir quem foi Morfeu, saber quem foi Noémia de Souza, analisar o poder da amizade, entender a importancia do samba na construção da ancestralidade do povo negro e do país, a variação linguistica que ele faz questão de manter e defender ao dizer: "Quase que nos rebaixa", a construção de afeto feita no album, existe uma serie de trilhas que se pode caminhar escutando Emicida, possibilitando costurar seu caminho de letramento.
E, numa jogada de mestre, o Leandro Roque da

Silva que sempre venceu seus oponentes no verso dito, dentro das batalhas, tornando-se o homicida só dos Mc`s, vulgo: Emicida, acessibiliza para nova geração o encontro com cantores como Belchior e reconecta sua voz com o país na sua faixa principal, AmarElo, também convida Fernanda Montenegro, hoje imortal da Academia Brasileira de Letras, para recitar na música Ismália ou o pastor Henrique Vieira que faz uma espécie de pregação e se aproxima do recitar, da sagacidade e tiro rápido de um Rap no maior fervor de uma resposta imediata e bem estruturada.

Limitar literatura a somente o que está escrito em um livro é esquecer que toda literatura não existiu de maneira imediata no papel, ela nasceu da associação de sons, experiências táteis e visuais, vivências no ímpeto de um fôlego. Se até mesmo o que a literatura gera no leitor são sensações, direcionamentos e reflexões, dizer que a literatura está presa no livro canônico e contemporâneo é negar que a literatura está presente e livre na oratória de Emicida, é tentar diminuir a literatura a um lugar que ela não cabe.

"Em algum lugar entre a rua e a minha alma" (EMICIDA, 2019), foi nessa intersecção que eu fui escrita e escrevo, tendo conhecido a rua através do meu letramento no Rap, Sabotage, Gabriel Pensador, Racionais, Criolo, Cabal, 506 E, que atravessaram a minha rua pelo fone e a de tantos, influenciando na feitura de um arcabouço, uma bagagem, até que eu chegasse em Billy Saga e Quixote, rappers que possuem deficiência que estão trazendo outras perspectivas de mundo, novas referências e reivindicações. Assim como a presença feminina no Rap nacional de mulheres como Preta Rara, Flora Matos, Drik Barbosa e Negra Li, levam literatura no verbo e transformam o mercado editorial.

Quando o Emicida deixa registrado em sua faixa Triunfo (2009) "A rua é nóiz, nóiz, nóiz", ele reflete sobre a ambiguidade que o "noiz" traz como pronome nós e "noz", substantivo. Se somos a rua, a literatura também é "nóiz", se vivemos para produzir, significa que para que a literatura exista convencionada em páginas foi necessário que antes, tudo que somos, fosse um pedaço de literatura. Assim, Rap é o antes, o durante e o futuro da literatura.

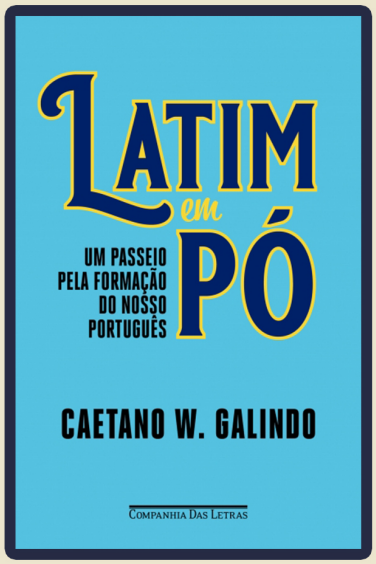
"Limitar literatura a somente o que está escrito em um livro é esquecer que toda literatura não existiu de maneira imediata no papel, ela nasceu da associação de sons, experiências táteis e visuais, vivências no ímpeto de um fôlego."

Amanda Soares

Conheça Amanda Soares, autora convidada



Amanda Soares é mulher PcD, escritora e Multiartista, professora e pesquisadora de literatura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Resenha: “Latim em Pó”

Daniel Orsini (@leiturismos)

Autor Convidado

"Latim em Pó" parece uma daquelas salas mágicas que por fora parecem pequeníssimas, mas por dentro se revelam um labirinto de enormes salões interconectados, a cada novo cômodo nos apresentando incontáveis portas a serem exploradas.

O livro do Caetano Galindo se propõe (com muito sucesso) a contar um tanto da formação do nosso português. Ainda acho difícil, olhando agora mesmo pro livro aqui ao meu lado, entender como que o Galindo conseguiu colocar tanta informação, e de maneira tão clara e agradável, num livro tão pequeno.

Muito mais do que se atentar aos aspectos gramaticais de nossa língua, o livro descreve as movimentações sociais que foram jogando e brincando com diversas línguas até chegar à que falamos perfeitamente hoje. E é importantíssimo nos atentar a esse ponto: sim, falamos perfeitamente o nosso português. Pois um dos mitos que Galindo desmonta no livro é essa sensação de que somos incapazes de falar adequadamente nossa língua, seja por motivos culturais ou morfológicos específicos do português.

Cronologicamente, o livro parte conosco do latim vulgar, língua falada pelo populacho do império romano, que acaba virando o galego em um pedacinho da Península Ibérica pra depois degringolar no português e cruzar o oceano rumo aos trópicos. Este, aliás, é outro ponto do livro de que gostei muito: o ressalto para como nosso português (assim como o italiano e muitas línguas mais) não vem do latim com que se escreveu a Eneida e mais outros textos clássicos romanos. Sua derivação é a partir da língua falada pelos analfabetos, pelos marginalizados da sociedade, os pobres, os que não deixaram registros.

Segue-se a exposição de como se formou o português brasileiro, continuamente disputando espaço com diversas outras línguas brasileiras em um processo nada linear, dando destaque para a língua geral, falada em boa parte do território brasileiro até meados do século XIX. Pode ser difícil de acreditar para um observador contemporâneo, mas o português não foi sempre língua franca a dominar o Brasil. Esses choques ainda não são completamente compreendidas e deixaram marcas em nosso idioma até hoje.

O mais incrível é que além de descrever essas movimentações, o autor também consegue dar uma boa pincelada em teorias linguísticas que achei fenomenal conhecer, e que me deixaram me coçando pra conhecer mais (inclusive já fui atrás de referências). Essas teorias embasam o que é dito no livro, deixando suas afirmativas mais firmes e menos "isso aqui eu tirei da cueca".

Ou seja, livraço. Recomendadíssimo para todo mundo apaixonado por nossa língua, seja quando estamos lendo Machado, seja quando estamos pedindo uns dez pão-francês.



Conheça Daniel Orsini, autor convidado

Daniel F. Orsini é criador de conteúdo e fala sobre livros e literatura tanto no Instagram (@leiturismos) quanto no Youtube (Canal Leiturismos). Já escreveu anteriormente para a Revista O Odisseu sobre o centenário de “Ulysses”, de James Joyce.



"Retrato de Mario de Andrade", de Candido Portinari. Disponível na Enciclopédia Itaú Digital.

Macunaíma e a língua sem nenhum caráter

Caio Paiva Ribeiro
Colunista e Editor

Macunaíma sempre foi para mim uma excelente demonstração literária da potência que possui a nossa língua como um todo, mas principalmente como aquele português que é costumeiramente ensinado nas escolas nada tem que ver com o português de nossa vida cotidiana. Com efeito, enxerguei à altura de minha primeira leitura dessa nada modesta obra que, na verdade, é muito ambiciosa em suas pretensões, um verdadeiro esquema esquisito do que a realidade brasileira e do que a imaginação, em toda sua potência narrativa de operar a verdade (— isto é, de fazer dela uma obra), são capazes de criar. Nas páginas de Macunaíma vemos brotar, provavelmente o que pela primeira vez se reconhece —a partir do movimento modernista— como tal na literatura desta terra, aquilo que poderíamos chamar de língua brasileira.

Em contraste com a grande ambição do que se lê em Macunaíma vemos na história editorial desta obra, na verdade, uma imensa modéstia de seu autor, que nem imaginava a repercussão que chegaria a ter a sua obra. Os principais sinais disso são que a primeira edição e impressão dela foram custeadas pelo próprio Mário de Andrade em 1928 com uma tiragem de apenas oitocentos exemplares e que a segunda edição sairia apenas em 1937 —nove anos após a publicação original— agora sim custeada por uma editora que pagou a Mário os direitos autorais pela obra. Esta editora foi a José Olympio, de singular papel na história editorial de nosso país, a qual tomou a curiosa iniciativa de em 2021 publicar uma reprodução fidedigna desta edição segunda, através da qual fui capaz de ter novamente a experiência que tive em meu Ensino Médio com uma das velhas edições do livro que se situavam na minha biblioteca escolar.

Assim, contando hoje com incontáveis edições das mais diversas editoras e até mesmo uma adaptação fílmica, um samba-enredo com seu nome e uma peça teatral, é manifesto a que obra sempre desempenhou papel fervilhante e borbulhante no cenário cultural brasileiro, fazendo surgir e fomentando as mais diversas formas de manifestação cultural. Porém, não foi essa animação, tampouco esse sentimento de entusiasmo, os quais estavam presentes na voz de meu antigo professor de redação ao falar desta obra, que me levaram a relê-la, ainda que tenham sido a motivação originária de minha leitura. Não: deparei-me recentemente em minha vivência com justamente o contrário: um descontentamento por parte de seus leitores mais jovens e uma indisposição para com a obra que muito me surpreendeu. "Como é possível que esta obra que me causou tantos momentos bons e de genuína diversão, levou-me a reflexões profundas e me comoveu com o conteúdo de suas páginas... como é que ela está sendo agora causa de insatisfação e contrariedade?", foi o que repetidas vezes me questionei. Creio que em minha releitura fui capaz de reconhecer alguns aspectos, os quais irei brevemente expor nestas linhas, responsáveis por este estranhamento e aversão de leitores, a meu ver, desavisados — os quais não devem, contudo, julgar-me por isso um detrator de seus comentários, pois eu em grande medida os acolho e os reforço. Isso não lhes deve causar nenhuma confusão, o que desejo é muito simples: ofertar um novo olhar sobre este amálgama de contradições e obscenidades que é Macunaíma a fim de fazer com que aqueles que, mediante este meu apelo, disponham-se a lê-la — não por obrigação, mas por pura diversão e interesse.

Comecemos pela natureza do escrito que o leitor encontrará em suas mãos, seguindo o que visa nos mostrar uma das maiores intérpretes da obra de Mário, e de suas mais prolíficas pesquisadoras Telê Ancona Lopez, professora emérita do Instituo Brasileiro de Estudos da USP. Em primeiro lugar ele é um escrito polimórfico, polifônico e polivalente; daí dizer-se que ele é uma rapsódia. Ora, mas que diabos é uma rapsódia? É palavra grega, que vem lá da Grécia Antiga, presente na cultura do mesmo povo que sempre é chamado de "Berço da Civilização Ocidental" sem nenhum pingo de ironia ou jocosidade no tom. A figura em questão, porém, é o rapsodo, este que inspirado pelas divindades, mais em particular pelas Musas, filhas da deusa Memória, que lhe ditam os versos de revelação da Verdade que jaz no fundamento de toda a natureza em forma de poesia que, quando acompanhada por um instrumento, faz com que seu porta-voz seja denominado "aedo" (portanto, um tipo de rapsodo). Mas antes que a cultura grega tente invadir nossa reflexão por completo, busco na explicação sucinta de Jaa Torrano, presente em seu estudo da Teogonia de Hesíodo (aedo predecessor de Homero), aporte para essa elucidação:

> "[...] o aedo (i.e., o poeta-cantor) representa o máximo poder da tecnologia de comunicação. Toda a visão e consciência de sua própria história (sagrada e/ou exemplar) é, para este grupo social conservada e transmitida pelo canto do poeta. É através da audição deste canto que o homem comum podia romper os restritos limites de suas possibilidades físicas de movimento e visão, transcender suas fronteiras geográficas e temporais, que de outro modo permaneceriam infranqueáveis, e entrar em contato e contemplar figuras, fatos e mundos que pelo poder do canto se tornam audíveis, visíveis e presentes. O poeta, portanto, tem na palavra cantada o poder de ultrapassar e superar todos os bloqueios e distâncias espaciais e temporais, um poder que só lhe é conferido pela Memória (Mnemosyne) através das palavras cantadas (Musas)."

Não se tem melhor descrição para a experiência de leitura de Macunaíma, a qual se dá, entretanto, pela palavra escrita (assim como a transmissão das rapsódias gregas de outrora) o que já em si acarreta violentas diferenças com o que se dava ainda no período descrito por Torrano, mas cujas repercussões não seriam prolíficas aqui discutir. Ressalte-se, porém, que Macunaíma é isto: transborda oralidade e brinca sempre com a linguagem e a referência ao que se diz e se fala prevalece, em vez de referir-se somente ao que se escreve; dicotomia que, inclusive, vê-se explicitada em seu capítulo IX "Cartas pras Icamiabas". A partir daí começamos a ter um pouco mais de clareza quanto a isso que é a língua brasileira e qual é de fato a sua cara.

Mas, para não arriscar perder-se em digressão, reafirmo: Macunaíma é uma rapsódia, e nosso rapsodo é ninguém mais que Mário de Andrade, que escutando as vozes e os dizeres de nosso povo (que no próprio livro aparecem condensados pela figura do papagaio que sussurra em seu ouvido as palavras que tem de cantar), o povo brasileiro, verteu para nós em palavra escrita aquilo que outrora seria-nos transmitido por palavra falada, provavelmente em formato músico-poético. O texto é então um grande caldeirão onde borbulham as mais diversas facetas e aspectos do Brasil que permitem com que ele seja e siga sendo aquilo que ele é: um amálgama quase incompreensível de formas, figuras e fatos que se desdobram e reúnem-se novamente sem que se possa enquadrar esse movimento em fórmulas ou rápidas definições. Este movimento, a meu ver e de muitos teóricos que antes de mim vieram, é capturado em diversos sentidos nesta obra, que não se furta a subverter as expectativas que nós, filhos da mandioca, nutrimos antes de ler uma obra literária.

Para contemplar tal movimento, nosso herói então (mais uma referência à cultura clássica) não poderia ser ninguém mais ninguém menos que Macunaíma, que é certamente herói de nossa gente. Para compreender a dimensão daquilo que é nosso herói no interior desse mosaico, refiro-me brevemente ao subtítulo da obra: "o herói sem nenhum caráter". E não há dúvidas, Macunaíma não possui caráter algum: é preguiçoso, fanfarrão, desrespeitoso, genioso, mentiroso e aproveitador. Mas também é: corajoso, leal, inventivo, proativo, esforçado, saudoso, estudioso, sentimental e muitas coisas mais. Mas... como fazer sentido disto? Como pode ser um mesmo personagem coisas que a todo momento parecem se contradizer? É que devemos consultar esse subtítulo na dupla-significação que lhe é atribuível. "nenhum caráter" pode sim estar falando daquele caráter que remete à idoneidade, à improbidade, à integridade — todas situadas

no âmbito semântico da moral, noção esta que é de origem de nossas raízes europeias. Porém, não nos furtemos a ler "caráter" também em seu sentido de "característica", ou seja, de qualidade, de atributo. Macunaíma é o herói sem características, sem caráter definido, sem modelo que o abarque; e aí jaz a mais mordaz e potente crítica do empenho de Andrade: criticar a tradição em que a literatura e também a intelectualidade brasileira se pautaram até então, sanha legada a ele pelo movimento maior em que se situava, a primeira geração modernista. A crítica pode ser sumarizada nas seguintes palavras paradoxais: "o caráter do brasileiro é não ter caráter nenhum".

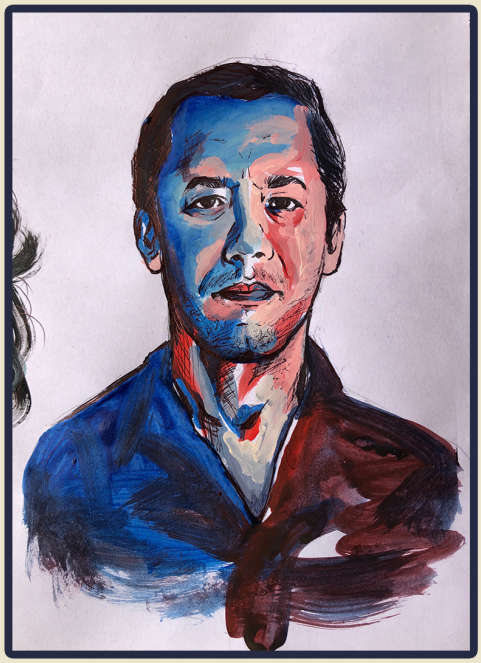
Mas que tirar então desse franco paradoxo que não parece nos levar a lugar nenhum? Bem... resgatarei uma dos ocorridos do livro (que se diga de passagem são todos mitológicos, i.e., todos tentam explicar um ou outro aspecto de nossa cultura não pelo pensamento enquadrado e causal do cientificismo, mas sim pelo princípio da narração, do contar e do recontar, algo que escapa sobremaneira ao "racional"). Neste momento da narrativa, à altura do capítulo IV, Macunaíma precisa ir a São Paulo em busca de um artefato precioso, porém é dito que antes de ir Macunaíma para se lavar do suor causado pelos raios de Vei, a Sol, e não podendo se meter no rio infestado de piranhas se depara com uma cova d'água no formato de pé de um gigante e logo lá pula para se lavar. A questão é que o herói de pele preta retinta, após sair da água encantada, sai da fonte como um loiro dos olhos azuis; inidentificável com aquilo que ele era antes de "se lavar". Caso leiamos com literalidade o ocorrido, poderemos facilmente acusar de racismo a obra de Mário de Andrade por reproduzir a ideia racista de que a coloração escura da pele retinta está de alguma forma associada à sujeira e, portanto, à impureza; sumarizada nesta pequena narrativa mitológica que, inclusive, era há não muito tempo contada a crianças como explicativa a questão sobre a cor de suas peles.

Mas, em face do que já foi dito aqui, isso é incabível. Não podemos ver o que está nas páginas de Macunaíma como mera reprodução de uma realidade que já está dada, muito menos como uma mera narrativa que veríamos num romance ou num épico com um começo-meio-e-fim bem enlaçados (ainda que obra remeta ainda a essa estrutura, por se pautar também na forma romance e na forma épica para se estruturar) cujos temas e e intenções são claros e bem definidos. Não, Macunaíma é do começa ao fim um mosaico de aspectos culturais, em que uma mitologia brasileira começa a ser traçada, sem que com isso se furte a sua acidez e sua criticidade, as quais dão à obra, em minha humilde opinião, um ar de comicidade e jocosidade inerentes. Só que aqui não são mais Zeus ou Eros ou Afrodite ou Marte ou Júpiter ou Urano ou Poseidon que entram em jogo apenas, mas vemos sim outras figuras mitológicas, principalmente as de matriz indígena como Capei, Piauí-pódole e Anhanga, que por nos serem estranhas já mostram aquilo que o próprio Mário mostra no livro com este mito aqui exposto: fomos todos lavados de nossa pele escura, de nossa história, de nossa cultura.

Mas Macunaíma é isso mesmo: uma tentativa de resgatar e reestruturar (Mário fez também trabalhos etnográficos e etnológicos; era, pois, um bastião de nossa cultura, razão pela qual foi perseguido, inclusive, pelo governo autocrático de Getúlio) o Brasil não em seu caráter, mas sim em sua cara; pois que como nos mostra Tarsila em seu quadro Operários: o Brasil não é feito de um caráter ou mesmo de alguns caracteres, mas sim de caras, caras que dão a cara ao Brasil e que nos é tão cara. Não se pode sair das páginas de Macunaíma sem pensar ao menos uma vez "isto aqui é a cara do brasileiro!" e, por isso, mesmo que a maior parte da obra nos pareça por vezes inacessível ou mesmo um insulto a nossas inteligências, nós devemos entender que ela é exatamente isso: uma tentativa de fazer reaflorar o que fora previamente desmatado e censurar aquilo que por tanto tempo nos censurou enquanto povo, não com a finalidade de fazer surgir uma "nova mitologia" que é coisa de grego, ou então "uma nação unida" que é coisa de europeu ocidental, mas sim esculpir em pleno pau-brasil (de preferência aquele que tenha nos sido usurpado pelos portugueses) uma cara debochadíssima que, ao pôr a língua pra fora (esta sim, autenticamente brasileira), faz graça de todas as piadas de mau-gosto que constituem aquilo que vemos em nossa história; esta é a cara e a língua do Brasil.



Mario de Andrade pelos traços de Maicon Aquino (@aquinart)



Itamar Vieira Jr. por Maicon Aquino (@aquinart)

A potência Semântica em 'Torto Arado'

Grazielli Fernandes
Colunista

"Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam".

"Comecei a inventar desculpas para ir colher buriti sozinha, de modo que poderia ir para os marimbus e me comunicaria distante dos olhos de todos. Queria experimentar a vida, para ver o que poderia nos acontecer".

Assim que Torto Arado, de autoria de Itamar Vieira Junior, foi lançado, joguei-me à leitura, por indicação de uma amiga. Sem dúvidas, esse livro está entre os meus preferidos. Trata-se de um romance regionalista que narra a história de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, residentes em uma comunidade quilombola no sertão da Bahia. A vida das duas irmãs é marcada pelo trabalho pesado, a pobreza e a opressão dos grandes proprietários de terras da região. Temos três narradoras: na primeira parte, Bibiana; na segunda, Belonísia; na terceira, Santa Rita Pescadeira, a "entidade". Por meio das personagens, temos a possibilidade de mergulhar num Brasil que está bem aqui, diante de nossos olhos.

Poderia ficar muito tempo escrevendo sobre a beleza dessa obra literária e tudo o que ela representa para nosso país. Poderia escrever longamente sobre o punhal de Donana, a culinária típica brasileira, a força das irmãs, o coronelismo no Nordeste, a opressão vivida por um povo. Inicialmente, minha ideia era justamente fazer uma análise da linguagem regionalista. Entretanto, ao ler Torto Arado pela segunda vez, detive meu olhar para dois elementos que, no meu ponto de vista, são fundamentais para o enredo. Percebi o quanto são personificados, vivos! Estou falando das palavras Jarê e buriti, de origem africana e indígena, incorporadas na linguagem brasileira, mas ainda desconhecidas ou com significados muito simplificados em algumas regiões, como aqui, no Sul do país.

No curso de Letras, não me recordo de ter lido alguma obra em que era tão presente a religião de matriz africana e, mais ainda, que tivesse uma entidade como narradora. Já de início, Bibiana nos apresenta ao Jarê. Fui em busca do significado dessa palavra e encontrei um artigo científico que se debruça justamente sobre esse tema. Descobri que Jarê pode ter duas interpretações: uma, de origem iorubá, que quer dizer "cortar através" ou "quase cair ao solo"; outra, proveniente da palavra "njale", uma cerimônia realizada por caçadores de regiões que atualmente constituem Nigéria e Benim. O jarê "representa a religiosidade típica da Chapada Diamantina, construída com base na mistura de credos africanos e indígenas e permeados pelo cristianismo" (Chagas, 2022).

O pai de Bibiana e Belonísia, Zeca Chapéu Grande, é o curador de Jarê. Aliás, essa é uma palavra muito presente no livro, mais precisamente com a expressão "brincadeira(s) de jarê", para se referir aos momentos de celebração. Zeca tem sua paternidade "ampliada aos aflitos, doentes, necessitados de remédios que não havia nos hospitais, e da sabedoria que não havia nos médicos ausentes daquela terra". Eu fico imersa nessa passagem imaginando a carga semântica dessa palavra de apenas duas sílabas. Jarê é cura e esperança de um povo desassistido; é uma forma de manter uma cultura que tentam apagar cotidianamente. E é claro que foi numa das brincadeiras de Jarê que Santa Rita Pescadeira, a narradora da terceira parte da obra, manifestou-se no corpo de Dona Miúda, rodopiando e cantando!

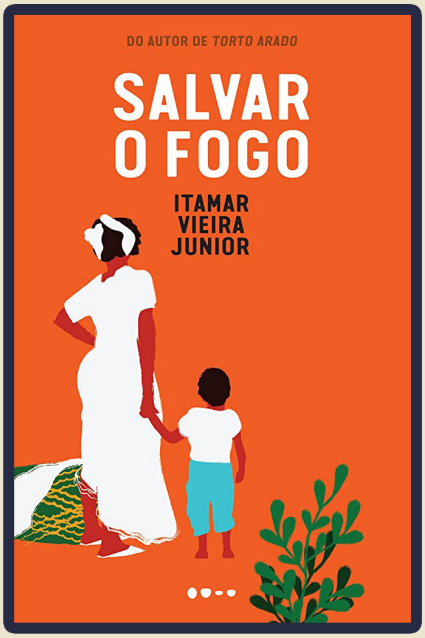
Outra palavra que me despertou atenção é buriti, que vem do tupi-guarani "mburiti" ou "mbiriti", utilizada para se referir a uma palmeira alta. Em Torto Arado, buriti, palavra já incorporada ao nosso vocabulário, significa sustento e romance. Esse fruto assume um protagonismo a partir de uma grande seca que assola a vida dos moradores de Água Negra. Bibiana nos conta com uma riqueza de detalhes as características desse fruto cor de cobre e como era trabalhoso levar a massa de buriti até a feira para que pudessem vender e adquirir outros alimentos.

Ousei imaginar um outro significado para essa palavra. Buriti foi aquele "ser mágico" que aproximou os jovens Bibiana e Severo. Ela conta com detalhes a primeira vez que o reencontrou na beira da estrada, quando ambos foram juntos até a cidade para vender o buriti e garantir o sustento momentâneo da família. Dali em diante, um novo destino estava traçado. Buriti passou a significar mais do que uma forma de sustento naquele ambiente de escassez advinda da seca e da exploração. Buriti assume o papel do amigo confidente que sabia de tudo e guardava o segredo de um romance entre dois jovens. Buriti era a desculpa encontrada por Bibiana para encontrar seu primo. Bibiana simplesmente queria "experimentar a vida" e entender o que poderia acontecer entre ambos. E o final dessa história deixo para o leitor descobrir.

"Fico imaginando o quanto teria perdido se não tivesse a oportunidade de ler Torto Arado, que representa de uma forma magnífica o Brasil."

Grazielli Fernandes

O Brasil é multicultural! Palavras utilizadas em uma região podem ser nunca ou pouquíssimo pronunciadas em outra. Assumem novos significados nos falares cotidianos, nas vivências locais. Por isso mesmo desafiei-me a olhar para Torto Arado. Confesso que só conhecia a palavra Jarê por uma curiosidade própria pelas religiões de matriz africana, mas muito distante de tudo o que representa para o povo que vive suas crenças há tanto tempo. A palavra buriti é, aqui no Sul, mais conhecida por suas propriedades cosméticas, aquém do que realmente representa para um povo que depende desse fruto para sobrevivência. Fico imaginando o quanto teria perdido se não tivesse a oportunidade de ler Torto Arado, que representa de uma forma magnífica o Brasil. Finalizo este texto convidando você leitor a apreciar essa obra.



A Vingança Ancestral em Salvar o Fogo

Eweron Ulysses Cardoso
Colunista e Editor

Dedico esta resenha à minha amiga Aline Félix, que me presenteou com o livro "Salvar o Fogo".

Acho que fui um dos últimos brasileiros leitores a ler "Torto Arado" (Editora Todavia), de Itamar Vieira Jr, livro com o qual o escritor ganhou os Prêmios Leya, Jabuti, Oceanos e contando. Não demorei a ler por resistência ou preconceito, mas apenas porque eu acumulava uma pilha de livros que precisavam ser lidos com urgência. Quando enfim me deparei com o lançamento de "Salvar o Fogo" (Editora Todavia), soube que seria o momento de ler o romance.

Assim, comprei a edição para ler no Kindle e cheguei ao texto cheio de receios. Não por preconceito, mais uma vez, mas sim por medo de não conseguir, em minha particularidade, reconhecer todos os aspectos maravilhosos do livro que ouvi durante esses dois anos últimos anos. Já nutria pelo Itamar certa simpatia. Somos conterrâneos e hoje eu estudo na mesma universidade em que Itamar formou, a Universidade Federal da Bahia. Ademais, gosto do seu posicionamento humilde, ora humorado, ora sagaz, em entrevistas. Fiquei feliz quando o vi em palanque defendendo a candidatura de Lula no ano passado e pensei: "é isto!". Estávamos precisados de escritores que assumissem o protagonismo político, porque a literatura não é e nem pode ser isenta, tampouco o escritor. Itamar assumiu não apenas o compromisso com a literatura de seu tempo, mas também com o seu tempo em essência. Cumpre o que dizia Nina Simone: "O dever do artista é refletir o seu tempo".

Não demorou muito até que eu fosse arrebatado por Torto Arado. Que livro! Minhas ressalvas à obra se devem a termos que Itamar usa e que não me convencem. Os poucos diálogos também, por vezes, parecem artificiais e palestrantes demais. Parecia que os personagens tinham assistido seminários sobre decolonialismo, o que é impossível na história. Deve ser por isso que Itamar investe pouco nos diálogos. São praticamente inexistentes tanto em "Torto Arado" quanto em "Salvar o Fogo". A estrutura textual de grandes blocos de texto, parágrafos imensos e a ausência total de travessões me lembrou muito o José Saramago.

A grande questão em "Torto Arado" e que se mantém em "Salvar o Fogo" é esta: Itamar Vieira Jr é um ficcionista excelente e de imaginação apurada. Consegue com facilidade construir personagens realistas, complexos, dos quais nutrimos amor ou ódio mortal. Foi assim como Bibiana e Belonísia em "Torto Arado" e se manteve, principalmente com Luzia, em "Salvar o Fogo". Já retornarei à personagem

Vamos apresentar então a trama de "Salvar o Fogo". No início do texto, nos deparamos com um prólogo que mostra o nascimento de um dos protagonistas, personagem que por grande parte do texto nos aparece apenas pelo título de "Menino" assim mesmo em itálico. Depois, sabemos que o seu nome é Moisés, em clara referência ao seu nascimento. Isso porque a mãe de Moisés o tem nas águas do Rio Paraguaçu, no Recôncavo Baiano, e o escritor descreve que a mãe o "coou" com o vestido para que não fosse embora junto com o Rio.

Já no prólogo nos damos conta dessa insatisfação da mãe de Moisés com o seu nascimento. Na verdade, ela não o desejava. Essa gravidez indesejada volta ao texto outras vezes e o garoto recebe insultos de todos os lados que o lembram desse peso: a mãe não o quis porque era "ruim". Inclusive, a mãe

morreu logo após o seu parto vítima de grande melancolia. Esse último fator nos faz imaginar que a personagem teria sofrido com depressão pós-parto, coisa que não foi retomada no decorrer do texto.

Moisés é então criado pelo seu pai e suas irmãs, em especial a irmã Luzia, personagem quase mitológico desenvolvido por Itamar Vieira Jr. É uma mulher com deficiência, que possui uma corcunda, e que lava as roupas do monastério ou convento, construção que faz referência ao real Convento de Santo Antônio do Paraguaçu, que fica na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano.

Luzia sofre de perseguições pela população de sua aldeia, terra ficcional feita por Itamar e que recebe o nome de Tapera. Os meninos da aldeia dão tapas em sua corcunda e fazem pedidos, pois acreditam na velha mitologia. Além disso, Luzia é vítima de fofocas e crendices populares. Por conta de um episódio de sua infância, costumam associá-la ao "Mal". Quando criança, tinha o poder de prever o fogo e incêndios, o que levou a população a acreditar que era ela a causadora de tal fogo, coisa ruim que devorava a fauna e flora.

Poucas vezes vi o crescimento de uma personagem tão complexa e completa quanto Luzia. Aqui Itamar superou a própria atuação literária e deu vida a uma personagem mais rica que Belonísia e Bibiana, de "Torto Arado". Nos primeiros capítulos do livro, é inevitável não sentir raiva de Luzia. Ela parece uma personagem áspera, frustrada e que desconta a sua raiva em tudo e todos, sobretudo no Menino.

Por outro lado, aos poucos começamos a perceber que a personagem é mais do que podemos imaginar. Trata-se de uma devota, que frequenta as missas e cumpre o papel de lavadeira do convento com muita dedicação, dedicação religiosa. Ela insiste para que o Menino estude na escola do convento e logo recai sobre ele a expectativa de superar aquela realidade de sofrimento. Apesar de não ser uma criança fácil, Moisés desenvolve o gosto pelo estudo e logo se dedica a ele. Entretanto, um evento rompe a construção desse intelectual nascente. Moisés desiste de estudar e foge de Tapera. Deixa para trás uma racha em sua relação já conturbada com Luzia: a irmã não acreditou no menino quando ele a fez uma confissão.

Toda essa parte de apresentação dos personagens acontece durante a primeira parte do livro, narrada em primeira pessoa por Moisés e que recebe o nome de "A Vingança Tupinambá".

Aqui, vale a pena abrir os parênteses para apresentar esse conceito. Como já mencionamos, a história acontece no Recôncavo Baiano, área no entorno da cidade de Salvador e que tem grande herança afro-indígena. Trata-se do primeiro espaço a ser colonizado no Brasil, lugar de grandes construções religiosas e que abrigou engenhos de açúcar e senzalas.

O termo "Vingança Tupinambá" refere-se não apenas a uma prática da etnia, mais também ao complexo do modo de vida desse povo originário. Nas palavras de Cunha e Castro (2018, p. 5):

> "A vida social é posta a serviço da produção deste par e deste ato elementar. Assim, o ciclo de vida e o destino póstumo organizam-se ambos em torno da vingança. Um homem nasce como futuro vingador. A mãe besunta os seios de sangue do inimigo para que a criança o prove".

Mas o que seria, exatamente, essa "Vingança Tupinambá"?

> A vingança por excelência era a morte cerimonial no terreiro, elaborada sequencia descrita com certo deleite macabro por Thevet, por Léry, por Cardim, em que um prisioneiro, após ter vivido alguns meses ou até alguns anos entre seus captores, era abatido em praça pública. Decorado de plumas e pintado, travava com seu matador, também paramentado, diálogos cheios de arrogância sobre os quais tornaremos a falar. Preso por grossas cordas amarradas à cintura, deveria idealmente ser morto com uma única pancada da ibirapema, a "espada" de madeira que lhe devia esfacelar o crânio, enquanto ele cairia, face contra a terra. Seu executor retirar-se-ia para um prolongado e rigoroso resguardo, durante o qual se lhe fariam escarificações comemorativas e tomaria um novo nome (CUNHA, CASTRO, 2018, p. 3).

Na obra de Itamar, a vingança é ancestral. É o povo tomando as rédeas do próprio caminho por meio da reparação em nomes dos seus antepassados: os indígenas e os negros escravizados.

A narrativa tem um quê de Humberto Eco em "O Nome da Rosa". Essa aldeia sob as mãos fortes da Igreja Católica, que cobra pela ocupação da terra, que coloca o povo sob o

o julgo do cristianismo inquisidor, que julga, condena e abusa são os resquícios da natureza ditatorial que a Igreja assumiu nos séculos da Idade Média. Em obediência à Igreja Católica, o povo da Tapera precisa abrir mão das práticas afro-indígenas, dos feitiços, dos encantos, das crendices. Os padres eram os únicos donos do saber, da ciência, dos costumes e da terra.

No começo, Luzia tem esmero pelo trabalho de lavar as roupas dos padres, é agradecida pelo sustento financeiro e porque a população a deixou em paz quando viu que ela era devota ao Cristo católico e não se entregava ao Mal. No entanto, em determinado momento da narrativa, ela começa a ver o rio Paraguaçu manchado de sangue enquanto lava as vestes. É envolta de visões que envolvem seus antepassados, os negros escravizados, os tupinambás. Começa a sentir que o verdadeiro algoz poderia ser aquele que fala em nome de Deus.

É difícil reunir os aspectos gerais de uma narrativa tão grande. Basicamente, em "Salvar o Fogo", Itamar consolida o seu estilo de escrita e apresenta a sua marca literária: os impactos históricos da escravidão e do passado colonial no Brasil Profundo e Presente. Para nosso benefício, o autor é um intelectual estudioso da área, Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA e também geógrafo.

Porém, Itamar não faz isso de forma inteiramente "academicista", apesar dos diálogos muito teóricos. A apresentação das heranças coloniais está nas marcas dos personagens, como está em nós. Está em Luzia, mulher pobre, lavadeira, inquieta, que não entende o porquê de precisar pagar impostos à Igreja uma vez que a terra estava lá antes da igreja chegar, mas que ainda assim paga, ainda assim se submete ao poderio ideológico e também político da igreja.

Existe, portanto, uma repetição de aspectos muito presentes em "Torto Arado", o que pode fazer com que o livro seja nostálgico. Como eu li uma obra após a outra, a sensação foi que li um livro só, sobretudo com o diálogo explícito que Itamar faz entre uma obra e outra por meio de seus personagens (em entrevistas, ele já mencionou que os dois livros fazem parte de uma trilogia).

A questão da terra, por exemplo, e os conflitos envolvendo os posseiros, a ganância capitalista e a exploração do trabalho braçal que demarcam "Torto Arado" estão em "Salvar o Fogo" com as mesmas reinvindicações. Isso mostra que Itamar assumiu o compromisso de de cumprimento de uma agenda política (mas não há nada de errado nisso).

Esse último aspecto poderia classificar "Salve o Fogo" como uma obra questionável ou repetitiva mesmo. Não é. É um excelente livro e isso se deve principalmente ao talento para a escrita e para a ficção do autor. Embora a temática seja mesma, os vieses são diferentes, o espaço geográfico é diferente.

Ao finalizar, gostaria de dizer como precisávamos de um autor como Itamar! Alguém que ultrapassasse o público leitor restrito e pequeno de literatura brasileira e desse um novo fôlego à nossa produção literária. Vejo-o como um Jorge Amado às vezes, mas principalmente como um João Ubaldo Ribeiro. Lendo "Torto Arado" e "Salvar o Fogo" fiquei com vontade de reler "Viva o Povo Brasileiro".

REFERÊNCIA

da Cunha, M. L. C., & de Castro, E. B. V. (2018). Vingança e temporalidade: os Tupinambás. Anuário Antropológico, 10(1), 57–78. Recuperado de https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6354.

Revista O Odiseu
Edição 11 - Junho de 2023
Direção de Conteúdo: Ewerton Ulysses Cardoso, Aline Félix, Pedro Henrique Rodrigues e Caio Paiva Ribeiro.
Arte da capa: Maicon Aquino.
Diagramação: Ewerton Ulysses Cardoso
Revisão do texto: Pedro Henrique Rodrigues, Ewerton Ulysses Cardoso, Aline Félix e Caio Paiva Ribeiro.